

1. MAGNIFICAT: MARIA TODA DE DEUS E TODA DOS IRMÃOS

Pe. Edson Damian

Na espiritualidade de Nazaré, Maria ocupa lugar de destaque com Jesus e a companhia de José. Além disso, o Ir Carlos adota a visitação de Maria à prima Isabel como modelo missionário, como geradora de alegria, mesmo que as pessoas ainda as recebam sem consciência disso. Aos seus olhos, não se trata apenas de uma visita de caridade para servir sua prima, na fase final da gravidez e no momento do parto, mas tem algo mais importante: *“Maria parte para santificar João Batista, para lhe anunciar a boa nova, para o evangelizar e santificar, não com palavras, mas levando-lhe Jesus, em silêncio, na sua morada”*.

No Magnificat está presente a tensão escatológica da Eucaristia. Cada vez que o Filho de Deus se torna presente entre nós na «pobreza» dos sinais sacramentais, pão e vinho, é lançado no mundo o germe daquela história nova, que verá os poderosos «derrubados dos seus tronos» e «exaltados os humildes». Maria canta aquele «novo céu» e aquela «nova terra», cuja antecipação e, em certa medida, a «síntese» programática se encontram na Eucaristia. Se o Magnificat exprime a espiritualidade de Maria, nada melhor do que esta espiritualidade para nos ajudar a viver o mistério eucarístico. Recebemos o dom da Eucaristia, para que a nossa vida, à semelhança da de Maria, seja toda ela um magnificat!” (n. 58).

O Magnificat é o **espelho da alma** de Maria. Neste poema, a **espiritualidade** dos pobres de Javé e o **profetismo** da Antiga Aliança alcançam o ponto culminante. É também o prelúdio das Bem-aventuranças e do Sermão da Montanha, pois contemplando a ação de Deus, **Maria antecipa o Evangelho**.

O cântico emerge das **anúnciões** dos dois nascimentos - de João Batista e de Jesus - quando as duas mães (a estéril e a virgem) se encontram. Do **encontro** brota o canto. Tentemos compreender o clima psicológico desse encontro para intuir qual teria sido a experiência de Maria após a anúncio. Certamente uma grande **alegria**, como a que nos inunda quando sentimos a proximidade de Deus e nos abandonamos em suas mãos: “Faça-se em mim segundo a tua vontade”. Ou como a oração de Charles de Foucauld: “Pai, a vós me abandono!”.

Mas, depois Maria deve ter sentido também **temores**. Encontra-se sozinha, sem saber com precisão o que aconteceu, porque, como todas as mulheres, antes de um certo tempo, não tem certeza se está grávida. E está sem poder falar com ninguém, pois, como explicar essas coisas a um estranho? Ela não contou logo a José. Ele ficou sabendo mais tarde, com perturbação interior, e decidiu abandoná-la. Além de ver desmoronar seu casamento, dava-se conta também dos sofrimentos e humilhações que cairiam sobre Maria, sem que ela pudesse explicar nada a ninguém.

É difícil explicar certos acontecimentos extraordinários, pois quem os experimenta sente-se sozinho, com medo e até com tentações. Nesse contexto entendemos porque “Maria pôs-se a caminho, por uma região montanhosa, dirigindo-se **apressadamente** a uma cidade de Judá”. Perguntamo-nos: por que “apressadamente?” Porque deve ter passado pela mente de Maria que Isabel seria a única pessoa capaz de compreendê-la, pois estava vivendo um acontecimento divino semelhante ao seu. Tal é o sentimento de Maria e a razão da pressa do encontro. Costumamos explicar a pressa motivada pela sua caridade e desejo de servir a prima numa gravidez de alto risco. Mas existe também o aspecto de **necessidade**. Maria precisava falar com alguém, confidenciar seu segredo, sentir-se compreendida.

Após três dias de viagem, ao bater à porta de Isabel, seu coração palpita, como quando alguém não sabe como começar uma conversa complicada. Para sua **surpresa** ela ouve, em resposta à sua saudação, a prima exclamando: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! Onde

me vem que a mãe do meu Senhor me visite?” Nesse momento, todos os temores que Maria guardava dentro de si desaparecem. Sem precisar explicar nada, sente-se compreendida. Confirma-se que tudo aquilo que está acontecendo nela é verdadeiro e, por isso, explode num canto de louvor.

“**Compreender**” e “**ser compreendida**” isso é vital para Maria e, também para nós. Poder falar, expressar-se, sentir que há alguém que, com confiança, olha para nós e nos compreende profundamente, é uma das graças mais lindas. Esta categoria é fundamental no ser humano: não podemos viver sem sermos compreendidos por alguém, nem podemos ajudar os outros sem compreendê-los. Quando sentiu-se compreendida, Maria cantou os segredos e as maravilhas que guardava no coração, mas que não ousava desvendar, enquanto não encontrasse alguém que a pudesse compreender.

O sujeito da primeira parte é Maria e os dois verbos referem-se à sua pessoa: “A minha alma **engrandece** o Senhor e o meu espírito **exulta** em Deus meu Salvador”. Maria começa falando de si e, no mesmo instante se esquece de si para falar de Deus. Como se pode **engrandecer** o Senhor que já é grande, como enaltece-lo mais ainda? O verbo expressa o desejo de querer Deus como “o maior possível”. É um aspecto emocional profundo, semelhante ao da mãe que ama a criança e lhe diz: “Gostaria de fazer de você a maior, a mais feliz das pessoas da terra”. Assim como o filho diz: “Quero que meu pai seja o maior, o mais forte, o mais poderoso”. Isto é engrandecer. Brota de um amor imenso e intenso.

Maria ama a Deus com todas as forças, com um amor elevado, que transborda de si mesmo: “O meu espírito **exulta**”. Para compreender o conteúdo desse verbo convém referi-lo a outras passagens do evangelho de Lucas. “Naquele momento, **Jesus exultou de alegria** sob a ação do Espírito e disse: Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10,21). Este cântico é paralelo ao *Magnificat*, não somente porque nasce de uma exultação semelhante, mas também porque se estrutura na **oposição** sábios/humildes. A oposição aparece também na segunda parte do canto de Maria: orgulhosos/tementes a Deus, poderosos/humildes, ricos/pobres. Verifica-se igualmente, com facilidade, o paralelo com as Bem-aventuranças. **Exultar** significa dançar, pular. Idêntico termo é usado em relação à criança que pula no seio de Isabel. Trata-se de algo instintivo próprio de alguém que está fora de si de alegria. Como uma mãe que, ao perceber que o filho doente sarou, toma-o nos braços e grita de contentamento.

Esta é a alegria de Maria. Para ela Deus é uma pessoa, o seu Tu com o qual se sente em íntima e cordial familiaridade. Chama-o de **Senhor, Deus, meu Salvador**. O Senhor de quem ela é a serva, é Javé Senhor da história, Salvador do povo. Maria fala também como membro do seu povo. Não é só uma relação intimista, mas um relacionamento com o Senhor que tem nas mãos a história do povo.

Maria canta “**meu Salvador**” porque parte de uma experiência pessoal de salvação, possui uma motivação precisa que a atinge profundamente: “Ele olhou para a **humilhação** de sua serva”. Deus tão excelso olha do alto e percebe a minha existência, descobre que eu existo, envolve-se comigo, olha para a minha pequenez. “Humilhação” expressa também o temor e a ameaça real de ser rejeitada e marginalizada. Ela tinha colocado em perigo sua honra aceitando uma gravidez misteriosa e Deus a libertou, restituindo-lhe novamente segurança e honra. É uma **dupla experiência de salvação**, uma experiência plena dos dons de Deus e de ser libertada da vergonha e da humilhação, como estava para acontecer na relação com José. Fez dela uma criatura que já não consegue mais se dar conta dos dons recebidos porque são grandes demais: “O Todo poderoso fez em mim maravilhas... doravante todas as gerações me proclamam bem-aventurada!”

Maria nos ensina a **primazia** do louvor, a **personalização** do louvor e a **especificação** do louvor.

Acima de tudo, Maria é a criatura que sabe se expandir no louvor. Nem sempre sabemos viver expandindo o louvor. É mais fácil extravasar sentimentos e ressentimentos pessoais, queixar-se do que se expor no louvor. Urge educar-nos para a **primazia do louvor**. Temos motivos de sobra para louvar a Deus, porque Ele é grande, bondoso, misericordioso e ama loucamente a humanidade! Todas as cartas de Paulo começam com agradecimentos: “Bendito seja Deus, o Pai de N. S. Jesus Cristo, Pai de toda a consolação”. “Bendito seja Deus pela paz que reina entre vós”. Sabemos que suas comunidades não eram diferentes das nossas. Apesar disso, tanto Paulo como Maria, tinham dentro de si a consciência da grandeza dos dons de Deus presentes nas pessoas, nas comunidades, na história humana. Às vezes tememos que o louvor seja como uma venda sobre os olhos, pois vivemos cercados de injustiças, violências, miséria, desemprego. No entanto, se começarmos a olhar o mundo com os olhos de Deus e a louvá-lo por tudo o que Ele faz de bom, teremos mais clareza para discernir o bem do mal, a verdade do erro. O sentido do louvor a Deus não é contrário à verdade, mas é o único verdadeiro. É a contemplação do mundo que provém da bondade, da misericórdia e do amor e Deus pelo pobre, pelo doente, pelo excluído. Da misericórdia brota a opção pelos pobres!

Maria nos ensina a **personalização do louvor**. Se não for personalizado, o louvor se torna vazio, palavra repetida com os lábios, enquanto o coração está longe. É preciso descobrir na minha experiência os motivos de louvor. Existem muitos, mas tantas vezes consideramos como normais os dons de Deus e não os apreciamos como presentes preciosos. O exame de consciência ou a revisão do dia deveriam começar sempre com o cordial agradecimento pelos dons que o Senhor me concede, pelas maravilhas que realiza em minha vida e na vida dos meus irmãos e irmãs.

Por fim, Maria entoava um louvor imenso que abarca o universo inteiro e a história da humanidade. O que ela viu de extraordinário? Um anjo por alguns minutos, Isabel e sua palavra. Entretanto, soube ler nesses fatos, passando pelo conhecimento de Deus, um desígnio universal. Para louvar basta perceber um real acontecimento em que Deus se manifesta e, através dele, chegar ao Deus Salvador, cujo nome é Santo e cuja misericórdia perdura de geração em geração. A **especificação exemplar do louvor** manifestado por Maria nos ensina a contemplar a vida, o universo e a história com louvor e gratidão. Às vezes, por causa de nossos problemas e angústias, ficamos com a visão desfocada da realidade. Convém, então, concentrar-se num pequeno fato e, através dele, chegar-se-á a entender os outros, envolvidos pela ação amorosa de Deus.

REVIRAVOLTA HISTÓRICO-SALVÍFICA

Passemos agora para a segunda parte do *Magnificat* (v 51-53), na qual a humilde mulher de Israel, depois de ter expressado sua alegria e gratidão, por quanto lhe acontecia, canta a ação libertadora de Deus na história. Maria, toda de Deus e toda dos irmãos, relê profeticamente a história da salvação como uma **reviravolta histórico-salvífica**: põe em baixo quem está em cima e em cima quem está em baixo. Maria proclama que Deus realiza uma tríplice inversão das falsas situações humanas, para restaurar o seu Plano. Ela dá nomes aos que são abaixados e aos que são elevados, e atribui tudo à ação de Deus através da libertação de Cristo.

	ABAIXADOS	ELEVADOS	AÇÃO DE DEUS
aspecto ético-religioso	orgulhosos	aqueles que o temem	dispersou
aspecto sócio-político	poderosos	humildes	depôs - exaltou
aspecto econômico	ricos	famintos	despediu - cumulou

No campo **ético-religioso** Deus derruba as auto-suficiências humanas, confunde os planos dos soberbos e orgulhosos que se erguem contra Deus e oprimem as pessoas.

No campo **sócio-político** Deus destrói os injustificáveis desníveis humanos, abate os poderosos dos tronos, repele aqueles que dominam os povos, e exalta os humildes, aprova os que promovem o bem das pessoas e da sociedade, sem discriminações, sem preconceitos, sem exclusões.

No campo **sócio-econômico**, Deus confunde os planos da aristocracia elitista, estabelecidos sobre o acúmulo dos meios de produção e do capital, despede os ricos de mãos vazias e cumula de bens os famintos, para instaurar a justiça e a verdadeira fraternidade na sociedade e entre os povos.

Por que essas **palavras proféticas**, que ficariam bem na boca de Isaías, de Ezequiel, de Daniel, são colocadas nos lábios de Maria? Porque ela é a primeira em quem acontece a reviravolta, a passagem, a elevação. A que se considerava humilde serva, indigna de qualquer favor, de repente é proclamada “cheia de graça” e “bendita entre as mulheres”. A reviravolta começa a se dar nela, através da presença do Espírito que a torna grávida de Jesus. O coração do **mistério** da elevação e do abaixamento encontra-se, por tanto, na **Encarnação**.

No mistério da Encarnação realiza-se a reviravolta, que começa em Maria e alcança e plenitude na **vida** e na **prática de Jesus**. Para entender como esse mistério se revela, é preciso examinar os acontecimentos históricos do Verbo Encarnado. Ocorre-nos logo seu nascimento: vem a nós como pobre e sem-teto, expulso de Belém, mas é celebrado pelos anjos como Deus: “Glória a Deus nas alturas”. Ao ser batizado, entra nas águas com os pecadores e é exaltado como “Filho Amado do Pai” pela ação do Espírito. Na parábola do bom samaritano, Jesus rebaixa o sacerdote e o levita e exalta o samaritano. Poderíamos lembrar também as bem-aventuranças, a parábola de Lázaro e do rico epulão, o fazendeiro rico, os convidados para o banquete... O Evangelho chama a atenção sobre este princípio: os pequenos, os famintos, os doentes, os pecadores, os pobres, os marginalizados são acolhidos e elevados, ao passo que os auto-suficientes, os ricos, os poderosos, Jesus os deixa de lado, ou então mostra que valem pouco. Essas atitudes de Jesus são apresentadas com tal delicadeza e a ação acontece com tal discrição que aqueles que não têm presente a chave do *Magnificat* quase nada percebem. Só quem entende o jeito de Jesus, entende também o *Magnificat*.

Na vida de Jesus, a reviravolta vai acontecendo de um modo sutil e gradativo. Não se trata de um princípio sociológico, nem de uma regra maniqueia que divide e opõe o bem e o mal. Expressa-se de infinitas maneiras, até resplandecer no mistério da Páscoa: “Aquele que eles mataram, Deus o exaltou” (Lc 24; Fl 2). Os que acreditavam prevalecer foram derrubados. A **morte e a ressurreição** de Jesus constituem o **momento culminante** do jeito de agir de Deus, cantado por Maria. Jesus realiza a reviravolta ao preço de seu próprio sangue, vivendo em sua carne o abaixamento pela mão dos poderosos e a elevação (glorificação) pela mão do Pai.

Jesus nos deixou o sinal permanente dessa reviravolta na **Eucaristia**. O sacramento da Eucaristia é sinal permanente do aniquilamento (quénose) de Jesus, que se entrega até à exaustão, elevado e glorificado pela Igreja também sacia e eleva toda a humanidade. O Pão consagrado é o último modo com o qual Jesus se entrega no dom de si mesmo. O cântico de Maria torna-se assim uma interpretação de toda a vida de Cristo, da Eucaristia, da Igreja. Eleita entre os pobres de Javé, a humilde serva do Senhor, **Maria** pode ser incluída entre as **três pequenezas** escolhidas por Jesus para revelar o rosto e o coração de Deus: o **presépio**, a **cruz** e a **Eucaristia**.

Por fim, na terceira parte (v. 54-55), com as últimas palavras do *Magnificat*, Maria se situa dentro da **história do seu povo**: “Socorreu Israel seu servo, lembrado de sua misericórdia; conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência para sempre”. Maria se insere na **descendência de Abraão** e assume a **história de Israel** com seus patriarcas e profetas, com o êxodo, com o exílio e o retorno à terra prometida. Assim também nos recorda que a **Igreja** de hoje deve manter sua relação com Israel, com os pobres e tementes a Javé, com os obedientes e fiéis à sua Aliança, renovada pelo sangue do Cordeiro, o Filho de Deus e Filho de Maria. Em Cristo e em Maria o *Magnificat* também se torna nosso canto. E da mesma forma que Maria se refere a Abraão,

ao povo de Israel, às promessas da antiga aliança, assim também nós fazemos referência **ao Cristo, ao Evangelho, à Páscoa, à Igreja**. E, se juntarmos os três valores fundamentais do cristianismo, teremos a **Eucaristia** onde o Cristo se faz Palavra, Pão, Aliança com o novo povo de Deus.

Antes de concluir, convém mencionar uma pergunta que certamente se encontra entalada em nossa garganta: Quando se concretizarão no Brasil, na América Latina, na África as **profecias** cantadas por Maria? “Os poderosos são derrubados de seus tronos e os humildes elevados”. Olhando ao nosso redor, sejamos sinceros, é difícil ler a história com esta chave de leitura. A realidade mostra que “os ricos se tornam cada vez mais ricos às custas dos pobres que ficam cada vez mais pobres”. Ou como afirmou Frei Betto em recente artigo: “Essa é a característica intrínseca ao sistema capitalista, que enriquece uns poucos à custa da pobreza de muitos, sobretudo nessa etapa neoliberal, em que a especulação financeira predomina sobre o investimento produtivo”. De vez em quando, invertem-se os papéis, mas depois, quem assume o poder, esquece as origens e, na maioria dos casos, acaba se tornando também dominador. Novamente Maria ajuda a manter viva a **esperança** e a **coragem** na luta. Nossa crença nas transformações sócio-históricas e nosso compromisso na ação libertadora com os oprimidos e os excluídos devem ser assumidos também no **horizonte escatológico**. No olhar profético de Maria que canta, reflete a ação salvífica e escatológica de Deus. Só assim podemos entender as profecias do *Magnificat*. Elas começam a se realizar na vida de Maria, no seu ventre, em suas experiências, na vida e na prática de Jesus, têm sua culminância histórica na cruz e na ressurreição de Cristo; latejam na Igreja e na Eucaristia, mas como início da restauração escatológica definitiva à qual tende toda a história e toda a criação “que gemem e sofrem as dores de parto até o presente” (Cf Rm 8, 22).

Oração á Nossa Senhora da Libertação

Maria, mãe de Cristo e mãe da Igreja,
em nossa missão evangelizadora
que nos cabe continuar, alargar e aprimorar, pensamos em ti.
Mas, de modo especial, pensamos em ti
pelo modelo perfeito de ação de graças que é o hino que cantaste,
quando tua prima, Santa Isabel, mãe de João Batista,
te proclamou a mais feliz dentre as mulheres.
Não paraste em tua felicidade, pensaste na humanidade inteira.
Pensaste em todos. Mas assumiste uma clara opção pelos pobres,
como teu Filho Jesus faria depois.
Que há em ti, em tuas palavras, em tua voz, que anuncias no Magnificat,
a deposição dos poderosos e a elevação dos humildes,
o saciamento dos que têm fome e o esvaziamento dos ricos,
e ninguém ousa julgar-te subversiva ou olhar-te com suspeição?...
Empresta-nos a tua voz, canta conosco! Pede ao teu Filho que em todos nós
se realizem, plenamente, os planos do Pai! (Dom Helder Câmara)